

Uso de expressões referenciais em narrativas escritas em Português Europeu por crianças chinesas

Eva Arim
ILTEC

1. Introdução

A aquisição de qualquer língua, seja ela L1 ou L2, passa pela capacidade de utilização do sistema referencial dessa língua. A falta do domínio desse sistema faz com que o discurso do aprendente seja menos coerente e eficaz do ponto de vista comunicativo.

Num discurso, referem-se entidades, animadas e não animadas, que podem ser introduzidas, mantidas e reintroduzidas.

Considera-se que:

- uma entidade é introduzida quando é a primeira vez que é referida no discurso;
- uma entidade é mantida quando foi referida na frase imediatamente anterior;
- uma entidade é reintroduzida quando não foi referida na frase imediatamente anterior, mas já tinha sido introduzida anteriormente no discurso.

A escolha de uma forma linguística para referir uma entidade depende do grau de previsibilidade dessa entidade. Ao ser introduzida, uma entidade não é previsível e, por isso, esperamos encontrar uma forma linguística forte, como uma expressão nominal. A manutenção de uma entidade implica um grau de previsibilidade elevado e por isso não há necessidade de recorrer a uma forma forte, sendo preferencial o uso de pronomes ou de formas nulas. Na reintrodução de entidades, o grau de previsibilidade é bastante baixo e por isso é esperável a escolha de uma forma forte, de forma a realçar o seu referente de forma não ambígua. Vejam-se os seguintes exemplos:

(1) Introdução

- a) Num dia de Primavera, um pássaro foi buscar comida para os seus filhos.
- b) *Num dia de Primavera, ele foi buscar comida para os seus filhos.
- c) *Num dia de Primavera, \emptyset foi buscar comida para os seus filhos.

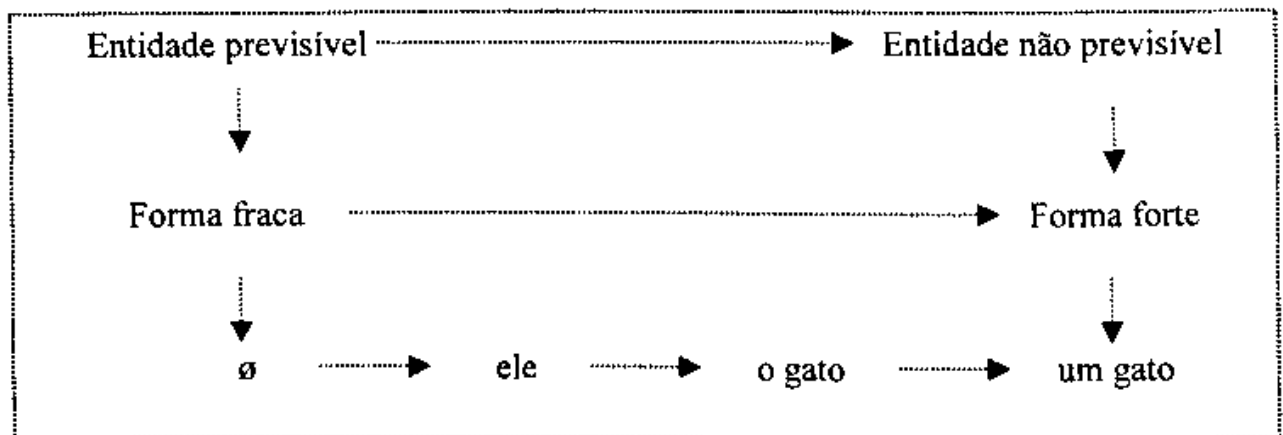
(2) Manutenção

- a) Quando o gato_i viu os pássaros, \emptyset _i decidiu ir apanhá-los.
- b) ?Quando o gato_i viu os pássaros, ele_i decidiu ir apanhá-los.
- c) *Quando o gato_i viu os pássaros, o gato_i decidiu ir apanhá-los.

(3) Reintrodução

- a) O gato_i queria comer os passarinhos mas o cão viu e não deixou. O gato_i foi-se embora.
- b) ?O gato_i queria comer os passarinhos mas o cão viu e não deixou. Ele_i foi-se embora.
- c) *O gato_i queria comer os passarinhos mas o cão viu e não deixou. \emptyset _i Foi-se embora.

O quadro que se segue ilustra a relação entre a previsibilidade de uma entidade animada e a forma linguística escolhida:

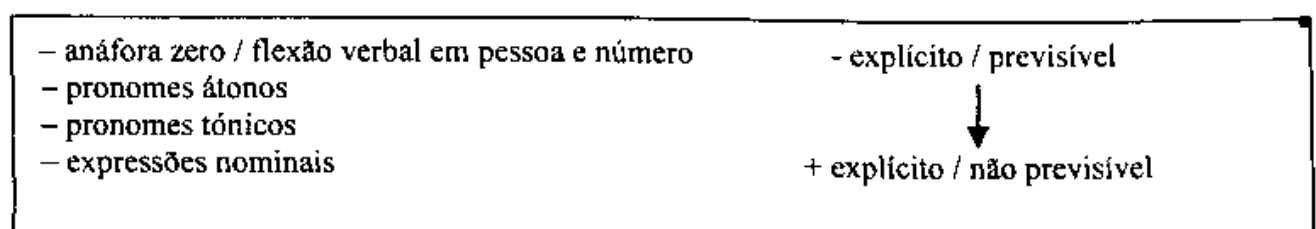


Cada língua possui um sistema referencial que reflecte as especificidades linguísticas dessa língua e por isso os sistemas referenciais variam de língua para língua (Hickmann e Hendriks, 1999; Kang, 2004; Rossi *et al.*, 2000; entre outros).

Neste trabalho, olhar-se-á para algumas especificidades do sistema referencial de uma língua não indo-europeia, tipologicamente muito diferente do Português – o Mandarim (língua oficial da China) – e procurar-se-á ver em que medida essas especificidades se podem reflectir no desempenho de crianças chinesas na elaboração de uma narrativa escrita em Português. Examinar-se-á o modo como vinte crianças chinesas introduzem, mantêm e reintroduzem entidades animadas numa narrativa, comparando as suas produções com as de crianças portuguesas dos mesmos anos de escolaridade.

2. Características do sistema referencial do Português Europeu (PE)

O PE dispõe de um conjunto de formas linguísticas para produzir cadeias anafóricas:



No PE, uma entidade animada é introduzida (INT) no discurso através de uma expressão nominal indefinida. A sua manutenção (MAN) pode ser feita através do uso de uma expressão nominal definida, de um pronome ou de uma forma nula. A reintrodução (REI) é feita preferencialmente através de uma expressão nominal definida. O exemplo que se segue ilustra estas estratégias:

(4) *Era uma vez [um pássaro]_{INT} [que]_{MAN} tinha três filhos. Como os filhos tinham fome, [o pássaro]_{MAN} foi procurar comida. Quando [ø]_{MAN} saiu, apareceu um gato. O gato era muito mau e tentou apanhar os passarinhos. Mais tarde [o pássaro]_{REI} voltou com a comida para os filhos.*

O facto de a manutenção da referência poder ser feita através de uma forma nula deve-se ao facto de o PE ser uma língua de sujeito nulo. Em línguas de sujeito nulo, o sujeito de uma frase pode ser omitido. Trata-se de línguas cuja flexão verbal é rica, particularmente no que respeita a informação de pessoa e número, o que permite que o sujeito seja recuperado:

(5) *O João foi para uma universidade na Califórnia. [ø] Especializou-se em linguística.*

No que respeita ao uso do sistema referencial do PE por crianças portuguesas, um estudo sobre a referência nominal em narrativas orais e escritas (Batoréo e Costa, 1997) revelou que aos dez anos de idade as crianças portuguesas usam cinco cadeias de referência como estratégias de manutenção da referência:

- I. Nome [-def] → Nome [+def] → Pronome / ø
um gato o gato ele ø fugiu
- II. Nome [-def] → Nome [+def] → ø
um gato o gato ø fugiu
- III. Nome [+def] → Pronome / ø
o gato ele ø fugiu
- IV. Nome [+def] → ø
o gato ø
- V. Nome [+def]
o gato

As autoras verificaram que a segunda cadeia referencial foi a que ocorreu com mais frequência no *corpus* (dezasseis ocorrências). A primeira cadeia ocorreu nove vezes (segunda mais escolhida). Constataram, também, que a primeira cadeia é mais usada nas narrativas orais, enquanto a segunda é preferencial na escrita.

Batoréo e Costa concluíram que “aos dez anos de idade se verifica um bom domínio das cadeias referenciais típicas da língua em aquisição. Embora não as

dominem na perfeição, as crianças sabem usar estratégias que visam evitar a ambiguidade ao privilegiar um tipo de cadeia referencial que garante as dependências adequadas”.

3. Características do sistema referencial do Mandarim

No Mandarim, a introdução de uma entidade animada é feita através de uma expressão nominal, tal como em Português. No entanto, a diferenciação entre os valores definido e indefinido não é feita através do uso de artigos (definidos e indefinidos), mas através da colocação do sintagma nominal na frase: se estiver no início, tem valor definido uma vez que é informação conhecida; se estiver no fim, tem valor indefinido uma vez que é informação nova. Vejam-se os seguintes exemplos¹:

- (6) a. *rén lái le²*
a pessoa chegou
b. *lái - le rén le*
chegou alguém

No primeiro caso, está-se a falar de uma pessoa que já foi referida no discurso (informação conhecida) e, por isso, o sujeito precede o verbo; no segundo caso, trata-se de uma pessoa que ainda não foi identificada (informação nova), logo, o sujeito é pós-verbal.

Apesar de não possuir artigos, o Mandarim permite o uso de alguns determinantes para marcar o estatuto da informação, mas estes são opcionais: numerais como *yī* ‘um’ podem ser usados para marcar informação nova e demonstrativos como *nèi* ‘esse’ para marcar informação conhecida. Qualquer que seja a sua estrutura, os sintagmas nominais que transmitem informação nova ocorrem em posição pós-verbal e os que transmitem informação conhecida ocorrem em posição inicial frásica.

Para manter a referência de uma entidade animada, o Mandarim prefere claramente uma forma nula, sendo rara a escolha de um pronome.

Trata-se uma língua de tópico / sujeito nulo, em que os sintagmas nominais são preferencialmente omitidos, sempre que a sua referência possa ser recuperada através do contexto:

- (7) *Zhāngsān shì zài Jiāzhōu niàn de dàxué zhuānxiū yǔyánxué*
Zhangsan ser em Califórnia estudar universidade especializar linguística
(Zhangsan foi para uma universidade na Califórnia. (Ele) Especializou-se em linguística.)

¹ Os exemplos em Mandarim foram retirados da gramática *Mandarin Chinese: A Functional Reference Grammar* (ver Referências).

² Partícula aspectual que indica uma acção acabada.

Sendo uma língua sem qualquer flexão verbal, seria de esperar que se comportasse como o Inglês, língua que não permite a omissão do sintagma nominal, uma vez que a informação relativa a pessoa e número é praticamente inexistente na flexão verbal. No entanto, o comportamento destas duas línguas é diferente. Em Inglês, numa frase equivalente à apresentada em cima, teremos de ter obrigatoriamente um pronome realizado:

(8) *John went to college in California. He majored in linguistics.*

Existem, assim, línguas em que a referência de uma forma nula pode ser recuperada através do contexto ou da informação de pessoa e número presente na flexão verbal (como o Português), línguas em que o contexto é a única fonte para recuperar a referência de uma forma nula (como o Mandarim) e línguas em que a informação de pessoa e número é inexistente ou praticamente inexistente na flexão verbal e que por isso exigem a presença de um sintagma nominal realizado (pronome ou nome), independentemente de o contexto ser suficiente para fixar a referência da entidade em questão (como o Inglês):

Formas Preferenciais na Manutenção da Referência:

Português: \emptyset / pronome \rightarrow nome
Mandarim: $\emptyset \rightarrow$ nome \rightarrow pronome
Inglês: pronome \rightarrow nome

Para compreender o uso limitado de pronomes em Mandarim há, ainda, que ter em conta que culturalmente o sistema pronominal no Mandarim é usado de forma bastante diferente do sistema pronominal nas línguas indo-europeias. Nas famílias chinesas existem muito poucos pronomes no *input*. Os nomes próprios e nomes de parentesco, como *bà* 'pai', *mǔ* 'mãe' ou *dì* 'irmão mais velho', substituem os pronomes pessoais. Até mesmo para se referirem a si próprios, os membros da família preferem usar o seu nome próprio ou o seu grau de parentesco em vez de usarem o pronome *wǒ* 'eu' (Qi, 2004). Outra diferença entre o sistema pronominal do Mandarim e o das línguas indo-europeias é o facto de o uso de pronomes de 3.^a pessoa se restringir à referência a pessoas, sendo rara a sua utilização para referir animais e ainda mais rara para referir entidades inanimadas (Li e Thompson, 1981). Na frase que se segue, *tā* refere-se preferencialmente a uma pessoa; pode também referir-se a um animal, mas nunca a um objecto:

(9) *tā xiǎo*
3.^a pess. sing. pequeno
(Ele(a) é pequeno(a))

Ainda no que respeita ao sistema pronominal do Mandarim, é ainda importante referir que os pronomes não possuem marcadores de género nem de caso. Informações como o número ou a posse são dadas através da junção de um morfema (*-men* e *-de*, respectivamente) ao radical.

4. Método

4.1. Participantes

Com o objectivo de analisar o modo como as crianças chinesas usam expressões referenciais em Português, foi pedido a quarenta crianças que frequentam escolas públicas de ensino básico da Área Metropolitana de Lisboa que redigissem uma narrativa. Vinte narrativas foram escritas por crianças chinesas e vinte por crianças portuguesas – grupo de controlo. Ambos os grupos se dividem em dois, de acordo com o ciclo de escolaridade dos alunos. Inicialmente, estava planeado aplicar o teste apenas a crianças do 4.º e 6.º anos. Contudo, no que respeita aos alunos chineses não foi possível garantir a homogeneidade dos grupos, tendo sido necessário recorrer também a alguns alunos do 3.º e 5.º anos.

Ano de Escolaridade	Portugueses		Chineses			
	4.º	6.º	3.º	4.º	5.º	6.º
N.º de Alunos	10	10	4	6	3	7

A dificuldade na constituição deste grupo deve-se ao facto de muitos alunos chineses contactados não terem conseguido desempenhar as tarefas, devido ao seu fraco domínio do Português. A opção pela inclusão de alunos de anos imediatamente anteriores não nos pareceu de todo inadequada uma vez que a equivalência que lhes é dada quando integram a escola portuguesa obriga-os, muitas vezes, a frequentar anos por onde já passaram no seu país de origem. No que respeita à idade dos alunos, o grupo chinês também é bastante heterogéneo, devido não só aos problemas de equivalência já referidos, mas também ao facto de estes alunos reprovarem uma, duas e até mais vezes no sistema educativo português.

	Portugueses		Chineses	
	4.º	6.º	3.º e 4.º	5.º e 6.º
Idade Mínima	9	10	8	11
Idade Máxima	10	12	14	17
Média	9	11	10	15

Neste trabalho, os alunos do 1.º ciclo serão referidos como grupo A e os do 2.º ciclo como grupo B.

4.2. Materiais e procedimento

As narrativas escritas foram provocadas com um estímulo visual, a *História do Cão e do Gato*, constituído por uma sequência de seis imagens não legendadas. Trata-se de um estímulo bastante usado em trabalhos sobre aquisição de L1 e L2 (Batoréo e Costa, 1998; Batoréo, 2000; Hickmann, 1995; Hickmann e Hendriks, 1999).

Na aplicação do teste, cada aluno recebeu uma folha com as imagens, acompanhada de uma folha de enunciado que continha a seguinte instrução:

- Observa a banda desenhada. Conta, por palavras tuas, a história.

A tarefa foi desempenhada individualmente, tendo os alunos um máximo de trinta minutos para a concluir.

As produções foram recolhidas no âmbito do Projecto *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*, um projecto que está a ser desenvolvido no Instituto de Linguística Teórica e Computacional.

4.3. Codificação dos textos

As narrativas foram transcritas e codificadas usando o sistema CHILDES – *Child Language Data Exchange System* (MacWhinney, 2000).

Tendo sido escolhida como unidade mínima de análise a frase, todas as narrativas foram divididas em frases.

Foram codificadas todas as entidades animadas (*cão, gato, pássaro-mãe, pássaros-filhos, cão e gato* considerados como uma entidade plural e *mãe e filhos* também considerados como uma entidade plural), com as seguintes informações relativas a cada uma das suas ocorrências:

- i) forma linguística:
 - expressão nominal (nome precedido ou não de determinante)³
 - pronome (tónico, átono, relativo ou possessivo)⁴
 - forma nula⁵
- ii) função referencial (introdução, manutenção, reintrodução)

Frases contendo discurso directo e indirecto e frases com entidades não animadas não foram codificadas por se considerar que não interrompem a cadeia anafórica (Rossi *et al.*, 2000). Quando na cadeia referencial apareceu uma entidade plural como *o cão e o gato* e na frase seguinte ocorreu apenas uma entidade singular como *o cão*, considerou-se tratar-se de manutenção de referência. O mesmo quando se passa de uma entidade singular para uma entidade plural em frases adjacentes.

³ Representada nos gráficos seguintes por EN.

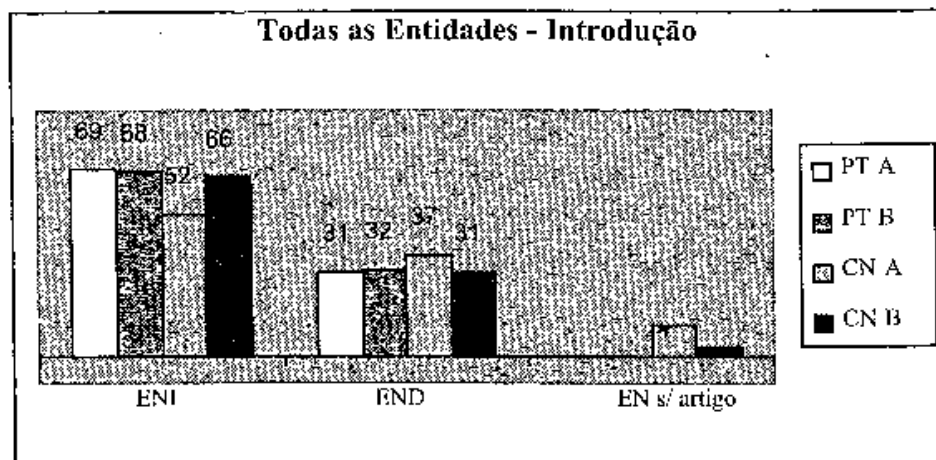
⁴ Representado nos gráficos seguintes por Pro.

⁵ Representada nos gráficos seguintes por Nul.

5. Descrição dos dados⁶

No que respeita à **introdução de entidades animadas**, todos os alunos (portugueses e chineses dos grupos A e B) escolheram uma expressão nominal, o que revelou que tiveram em atenção o facto de se tratar de informação nova e, por isso, escolheram uma forma forte. Há, no entanto, a registar diferenças no que respeita à forma dessa expressão nominal, que se prendem com:

- a distinção entre artigo definido e artigo indefinido;
- a presença ou ausência de artigo.



Como foi referido anteriormente neste trabalho, em Português espera-se que uma entidade animada seja introduzida através de um expressão nominal indefinida (ENI), ou seja, um nome precedido de um artigo indefinido. Contudo, não só os alunos chineses, como também os portugueses optaram por uma expressão nominal definida (END) cerca de 30% dos casos. Esta escolha viola o sistema referencial do Português, diminuindo a coerência dos textos. Veja-se os seguintes exemplos:

- (10) (início de história) *Um dia o **passaro** vou fazer ninho.* → aluno chinês do 1.º ciclo.
- (11) *O gato está andar no árvore. **O cao** ve isso.* → aluno chinês do 2.º ciclo.
- (12) (início de história) ***O passaro** está a tomar conta dos seus filhos.* → aluno português do 1.º ciclo.
- (13) *O gato estava com muita fome e decidiu ir comer os pobres filhos **passarinhos** quando o **cão** o vê, o gato sem perder tempo **trepa** a arvore.* → aluno português do 2.º ciclo.

Em todos os exemplos, as entidades realçadas a **negrito** ainda não haviam sido introduzidas na história.

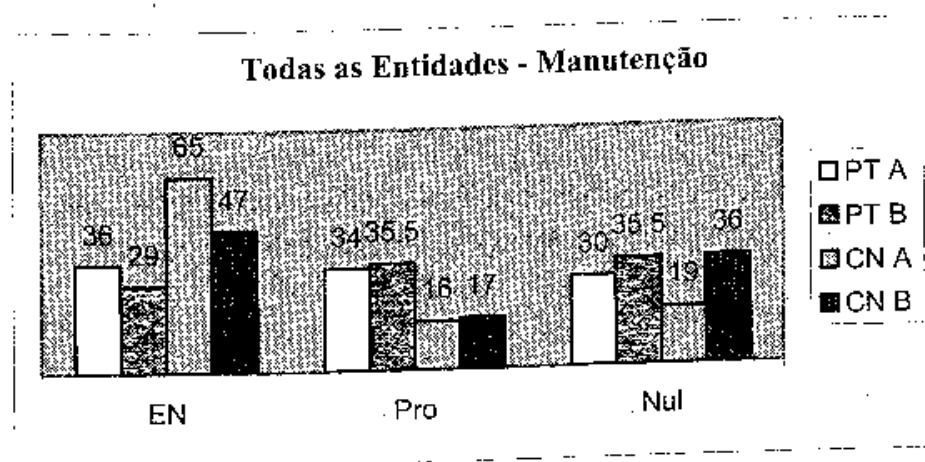
⁶ Os valores presentes nos gráficos correspondem a percentagens.

Onde o grupo chinês divergiu claramente do grupo português foi na omissão inadequada de artigos. Este fenómeno foi mais recorrente nas produções das crianças chinesas do grupo A do que nas do grupo B. Os exemplos que se seguem ilustram este fenómeno:

(14) *Deboixi _ gato caleta para _ arvore.* → aluno chinês do 1.º ciclo.

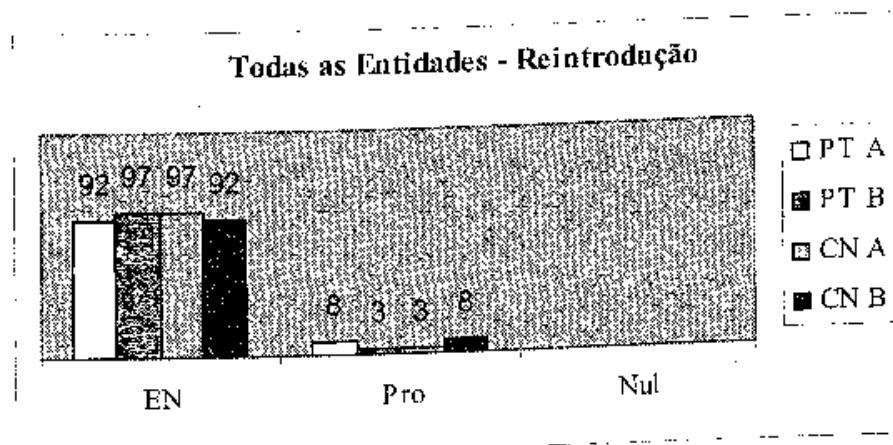
(15) *Um gato esta a ver _ passaros.* → aluno chinês do 2.º ciclo.

Se na introdução de entidades, as diferenças entre o grupo chinês e o português não foram muito acentuadas, o mesmo não se passa em relação à **manutenção de entidades**, onde as diferenças foram notórias:



Os chineses preferiram claramente as formas linguísticas mais explícitas, ou seja, expressões nominais, evitando usar pronomes. Os portugueses dividiram-se de uma forma quase uniforme pelos três tipos de formas. Se tivermos em atenção o ciclo de escolaridade, verificamos que os alunos do 1.º ciclo demonstraram uma maior tendência para escolher formas mais fortes do que os do 2.º ciclo, facto que é mais notório no grupo chinês.

No que respeita à **reintrodução de entidades**, os grupos comportaram-se de forma bastante homogénea, como se pode ver no gráfico que se segue:



Em todos os grupos, mais de 90% das entidades foram reintroduzidas através de uma expressão nominal, o que de acordo com o sistema referencial do Português é a forma esperável, uma vez que a escolha de uma forma menos explícita neste contexto pode fazer com que a sua interpretação seja ambígua. Veja-se o seguinte exemplo:

- (16) *...e o gato olhou muito para lá e horas e depois quase subiu e o pombo já tinha fugido. O cão viu e atirou-se ao rabo dele.* → aluno português do 1.º ciclo

No entanto, nem todas as formas pronominais têm uma interpretação ambígua, pois a informação de género e número é muitas vezes suficiente para fixar a referência desses pronomes de forma inequívoca:

- (17) *O gato lembrou-se de subir à árvore. Quando já estava quase a apanhá-los, apareceu um cão.* → aluno português do 1.º ciclo

Nesta frase o pronome átono só se pode referir aos *passarinhos*, uma vez que foi a única entidade plural referida até ao momento.

6. Discussão

De acordo com as características do sistema referencial do Mandarim, era de prever que as crianças chinesas, por não expressarem na sua língua materna a oposição informação nova / informação dada através do uso de artigos, como acontece em Português, introduzissem entidades animadas de modo diferente das crianças portuguesas e que usassem preferencialmente formas nulas, em vez de expressões nominais ou de pronomes, para manter essas entidades.

No que respeita à introdução de entidades verificou-se que, tal como esperado, os chineses tiveram alguma dificuldade em lidar com os artigos, o que levou à sua omissão em alguns casos (facto que não se verificou nas produções dos alunos portugueses) e à escolha errada de artigos noutros casos. Contudo, se a dificuldade na escolha de artigos definidos e indefinidos era previsível no caso dos alunos chineses, uma vez que na sua língua materna não existem artigos, tal não era de esperar nas produções dos alunos portugueses. Há, no entanto, que ter em conta que uma criança só consegue dominar o sistema referencial da sua língua aos 10-11 anos de idade (Hickmann, 1996). Batoréo (2000) verificou também que crianças de 10 anos de idade usaram o determinante definido para introduzir entidades em 23% dos casos e que a sua prestação não diferiu muito da de sujeitos adultos, que escolheram um determinante definido para introduzir entidades em 30% dos casos.

Relativamente à manutenção de entidades, os alunos chineses preferiram, contrariamente ao esperado e diferentemente dos portugueses, expressões nominais. O facto de estes alunos terem usado menos pronomes para manter a referência do que os portugueses pode resultar de um *transfer* negativo da sua L1, dado que esta estratégia

não é muito produtiva em Mandarim. Já a escolha de expressões nominais não parece resultar da interferência do Mandarim. Kang (2004) revelou que crianças cuja língua materna é o Coreano, uma língua que, tal como o Mandarim, usa formas nulas sempre que o referente possa ser recuperado através do contexto, ao produzirem uma narrativa em Inglês, usam excessivamente expressões nominais e relativamente poucas formas nulas, o que Kang considerou ser uma tendência para especificar explicitamente os referentes, devido às dificuldades que os coreanos têm em lidar com problemas relacionados com o género e o número ou à falta de prática na produção de tais formas em Inglês. A explicitação excessiva é um fenómeno comum na aquisição de uma L2 e parece ter sido o que se verificou nas produções em Português das crianças chinesas. Klein (1986) notou, também, que em fases iniciais da aquisição de uma língua, o papel da anáfora é desprezado, ou seja, o aprendente começa por evitar o uso de pronomes para se referir a informação já introduzida, repetindo os já referidos nomes.

A reintrodução de entidades não se revelou problemática: todos os grupos escolheram uma expressão nominal em mais de 90% dos casos, o que de acordo com o sistema referencial do Português é a forma preferencial.

7. Conclusão

Os resultados mostraram que as crianças chinesas já revelam um bom domínio do sistema referencial do Português. Embora ainda não utilizem formas idênticas às usadas pelas crianças portuguesas, sabem que devem usar uma expressão nominal para introduzir e reintroduzir entidades, funções referenciais que requerem o uso de uma forma explícita. A principal diferença encontra-se ao nível da manutenção da referência, para a representação da qual os alunos chineses preferiram uma expressão nominal, ou seja, uma forma forte / explícita, ao contrário dos alunos portugueses que preferiram uma forma mais fraca como um pronome ou uma forma nula. Era de esperar o uso reduzido de pronomes pelos alunos chineses devido às características do sistema pronominal do Mandarim, mas não que eles preferissem as expressões nominais às formas nulas. Contudo, tal como Kang (2004) e Klein (1986) já fizeram notar, este fenómeno parece resultar de um processo geral de desenvolvimento de uma L2.

8. Referências

- Batoréo, Hanna e Armanda Costa (1998) Referência nominal na narrativa oral e escrita aos dez anos de idade. In *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 137-149.
- Batoréo, Hanna (2000) *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ellis, Rod (1994) *The study of second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press.

- Hickmann, Maya (1995) Discourse organization and the development of reference to person, space, and time. In Fletcher, Paul e Brian MacWhinney (Eds.) *Handbook of Child Language*. Oxford: Blackwell Publishers, pp. 194-218.
- Hickmann, Maya, Henriëtte Hendriks, Françoise Roland e James Liang (1996) The marking of new information in children's narratives: a comparison of English, French, German, and Mandarin Chinese. *Journal of Child Language* 23, pp. 591-619.
- Hickmann, Maya e Henriëtte Hendriks (1999) Cohesion and anaphora in children's narratives: A comparison of English, French, German, and Chinese. *Journal of Child Language* 26, pp. 419-452.
- Kang, Jennifer (2004) Telling a coherent story in a foreign language: analysis of Korean EFL learners' referential strategies in oral narrative discourse. *Journal of Pragmatics* 36, pp. 1975-1990.
- Klein, Wolfgang (1986) *Second Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Li, Charles e Sandra Thompson (1981) *Mandarin Chinese: A Functional Reference Grammar*. Berkeley: University of California Press.
- MacWhinney, Brian (2000) *The CHILDES Project: Tools for Analyzing Talk*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. Também disponível em: <http://childes.psy.cmu.edu>.
- Mateus, Maria Helena, Ana Brito, Inês Duarte e Isabel Faria (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho: 5.ª edição, revista e aumentada.
- Qi, Ruying (2004) From nominal to pronominal person reference in the early language of a Mandarin-English bilingual child. In *Proceedings of the 4th International Symposium on Bilingualism*. Somerville, MA: Cascadilla Press.
- Rossi, Franca, Clotilde Pontecorvo, Marta López-Orós e Ana Teberosky (2000) Referential Development in Storytelling and in Storywriting of Catalan and Italian Children. *Language and Education*, vol. 14, pp. 164-183.
- Vion, Monique e Annie Colas (1999) Maintaining and Reintroducing Referents in French: Cognitive Constraints and Development of Narrative Skills. *Journal of Experimental Child Psychology*, vol. 72, pp. 32-50.